

ESCRIT(UR)A E AUTORIA NA LÍNGUA DO OUTRO: LÍNGUA, DISCURSO E RESISTÊNCIA(S)

Mizael Inácio do Nascimento¹

Fabiele Stockmans De Nardi²

Nesse momento de grandes retrocessos em nosso país, especialmente no campo da educação, e pensando de forma mais específica sobre os (des)caminhos que se vêm traçando com relação às políticas voltadas ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil, este trabalho se propõe a retomar uma questão proposta por Celada (2008) – *O que quer, o que pode uma língua?* O fazemos para pensar sobre o lugar das línguas na formação dos sujeitos, mais especificamente, sobre os movimentos implicados no trabalho de escrever em uma língua outra e fazer-se autor. Partimos da afirmação de que uma língua pode, entre outras coisas, ser um espaço de resistência, de enfrentamento às resistências, de observação da resistência, de construção de formas de resistência. Mas para resistir é preciso que se opte por uma concepção de ensino-aprendizagem de línguas que possibilite ao sujeito o acesso à singularidade e que se promova a apropriação subjetiva dos conhecimentos, contrapondo-se à visão de uma pura exposição-transmissão-reprodução desses conhecimentos materializada em práticas realizadas no ensino-aprendizagem de língua sob a forma de enunciados axiomatizados. Trata-se de reinscrever a enunciação axiomatizada sob a forma de discurso, o que significa restabelecer nela um sujeito, no lugar do qual o sujeito-aprendiz pode se colocar por identificação, além de possibilitar ao sujeito a produção/atribuição de efeitos de sentidos a partir de suas posições ideológicas e subjetivas, estabelecendo um lugar enquanto sujeito-enunciador de seus textos, sobre os quais ele constrói sentidos, ressignifica outros, desestabiliza o ponto de vista de nomear o mundo e se desestabiliza ao se dar conta da impossibilidade de tudo dizer numa língua que é outra. Ele se vê, portanto, diante de um outro recorte do real.

A partir dessa posição até aqui defendida, buscamos compreender a relação que se estabelece entre escrit(ur)a e autoria em LE. Para tanto, apoiamos-nos nos postulados teórico-metodológicos da AD pecheuxiana, partindo do pressuposto de que, enquanto função de todo sujeito, a autoria é inquestionável, mas, enquanto efeito do discurso, não o é, já que neste ela só se constitui quando o sujeito se inscreve em um discurso de escrita, ou seja, um discurso institucionalizado, com efeito de fecho e de unidade, resultado da prática de TEXTUALIZAÇÃO (GALLO, 2008). Neste sentido, traçamos como objetivo geral compreender os movimentos que constituem as formas de inscrição dos sujeitos-alunos em língua espanhola por meio dos movimentos que o levam a constituir-se enquanto sujeito-autor através dos seus diferentes **gestos de**

1 Professor Assistente da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual-NEPLEV.

2 Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual-NEPLEV.

autoria, que podem configurar a função-autor (nível enunciativo-discursivo) ou apontar para a produção do efeito-autor (nível discursivo) no espaço acadêmico. Nosso *corpus* se constitui de sequências discursivas recortadas das práticas discursivas de estudantes do curso de Letras-Espanhol da UFRPE em situação de intercâmbio na Universidade de Buenos Aires. Gostaríamos de observar, de forma mais específica, nessas materialidades, os momentos em que as falhas na língua nos provocam a olhar para a equívocidade no discurso, pensando a relação entre inscrição e resistência na língua do outro.

Como base nos objetivos aqui estabelecidos, convém esclarecer, brevemente, que estamos designando **gestos de autoria em LE** um trabalho que se configura pelos modos de subjetivação e de formulação, pois representa o modo de o sujeito (se)significar nessa materialidade estrangeira num trabalho com a língua (que não se apresenta na base de sua estruturação psíquica) e sua historicidade, tornando visíveis os mecanismos de produção de sentidos, numa relação de contato/confronto entre o sujeito e sua língua, entre o sujeito e a língua que é outra e a relação que se estabelece com os outros e com outros saberes. Em outros termos, são gestos que possibilitam a produção do novo dentro dos já-ditos.

Sob essa perspectiva, reafirmamos que ser autor na língua outra é um tema bastante complexo, pois exige do sujeito a mobilização de diversos fatores: a sua inscrição na ordem do discurso acadêmico, o conhecimento das regras que operam sobre a organização dessa nova língua, o rearranjo dos processos de subjetivação, a produção de uma escrita que lhe “cobra” o tempo todo uma inscrição nessa nova ordem. Enfim, são questões com as quais o sujeito se depara em suas produções escritas, além de ter que lidar com a exigência de escrever “com correção”, pois o professor, funcionando como uma espécie de “autorizador” da língua, o interrogará, dizendo o que pode e não pode, afirmando quando há ou não sentido. Assim, buscaremos compreender nesse jogo de possibilidades com/da língua como se dá a busca do sujeito por um lugar de se dizer mais do que dizer e cujos “deslizes” em relação à norma pode impedir a irrupção de um gesto de autoria que esbarra no “não-controle” da materialidade dessa língua nova.

Começamos a análise das seguintes SD afirmando que dizer em língua estrangeira é dizer de outra forma por mais semelhanças que as línguas guardem entre si, como é o caso entre o português e o espanhol. Consideramos como relevante, também, que esse dizer sempre é enunciado por um sujeito que se encontra num lugar de entre-línguas – ou um sujeito *errante*, afetado pelo *entremeio* das línguas (Payer e Celada, 2011) – e que há brechas na língua estrangeira por onde a língua materna irromperá. Sob essa perspectiva, existiria mesmo, na aprendizagem/inscrição de/em uma língua estrangeira, um espaço bem demarcado a partir do qual se possa estabelecer uma divisão estanque entre materno e estrangeiro?

Defendemos que seria mais produtivo se pensássemos esse espaço como um limiar onde as duas línguas passam a co-habitá-lo, já que o sujeito está sendo afetado por vários processos, como o de desarranjo/rearranjo, desestruturação/reestruturação subjetivos em uma língua que comporta a falta, as falhas, as contradições, os equívocos, e que precisam ser controlados, ilusoriamente, pelo sujeito em suas produções discursivas. Dito isso, passemos à análise das SD:



SD1

La forma como Garcilaso se presenta pasa a tener menor importancia en la medida en que el lector percibe mejor esa dimensión doble de sinceridad afectiva de Garcilaso, él en la mayoría de las veces se presenta como indio, que es algo más incisivo y decisivo, pero *confuso* // también se declara mestizo (técnicamente es o que él realmente es) cuando esto es discursivamente conveniente.

Nessa SD, o movimento interpretativo do sujeito-aluno se evidencia na avaliação que ele faz sobre a pouca importância como o autor *Garcilaso* se apresenta na obra, julgando como sentido mais importante o seu comportamento que, para o estudante, revela uma dimensão dupla de sinceridade, ou seja, assumir um lugar de índio e de mestiço quando lhe parece conveniente, revelando sua posição axiológica e da qual o sujeito-professor discorda, como se pode constatar na expressão “doble afectividad” e na palavra “conveniente” grifadas no texto.

Essas considerações são importantes para compreender como o sujeito busca inscrever-se nessa discursividade e, assim, produzir seus gestos de autoria. Contudo, é na formulação “*técnicamente es o que él realmente es*”, na qual a tomada de um lugar enunciativo fica mais evidente, que na materialidade linguística produz-se o equívoco e a referida formulação passa a ser “confusa” para o sujeito-leitor. A marca à qual damos destaque corresponde em português à conjunção alternativa *ou* e foi usada em lugar do artigo neutro *lo*, inexistente em português, já que essa língua não possui essa categoria de artigo.

É importante considerar também que é a “insistente” presença da língua materna que levará esse sujeito de entre-línguas – sujeito *errante* para Payer e Celada (2011), tanto no sentido de um sujeito que buscar outros lugares para (se) dizer, quanto no sentido de um sujeito que “erra” ao buscar inscrever-se em discursividades nesses outros lugares – a se dar conta da opacidade constitutiva de toda língua que o impossibilita dizer do mesmo modo e de que as significações são distintas nas duas línguas. Enfim, são essas marcas do português no espanhol que trabalham para desconstruir o mito da facilidade e da transparência dessa última e que, muitas vezes, impossibilita a produção de gestos de autoria, como acabamos de demonstrar.

Essa não-coincidência e não-correspondência entre as duas línguas que, conseqüentemente, opacificam a relação autoria-interpretação também se apresentam nesta outra SD:

SD2

Entre tanto, el naufragio es determinante en el cambio del discurso, pues, tras de él, los españoles ~~se~~ *caerán* en decadencia. No a penas por el fracaso de la expedición, contrariando las expectativas del Rey, sino porque él representa la frontera entre la cultura organizada (el espacio de procedencia, la España) y la cultura desorganizada (el espacio de conquista, el nuevo



mundo), donde el cruce significa el paso de un estado social a un estado de naturaleza (Pranzetti, 1993). Ese encuentro entre las dos culturas, también llamado de zona de contacto, "destaca que los individuos que están en esa situación se constituyen en y a través de su relación mutua." (Pratt, 2011, p.34).

Nessa SD, o sujeito-aluno, que promove um gesto interpretativo sobre os relatos do fracasso da expedição capitaneada pelo governador Pánfilo de Narváez, presentes na obra *Naufraágios*, de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, vê sua formulação reclamar sentidos devido à falta de correspondência entre os termos “entre tanto” (em espanhol, advérbio que expressa simultaneidade entre duas ou mais ações, ou seja, equivalente ao “enquanto isso” da língua portuguesa) e “entretanto” (conjunção adversativa em português). O efeito pretendido pelo sujeito-aluno era produzir uma ruptura com a afirmação feita no parágrafo anterior, isto é, o regresso de Álvaro e seus homens à Espanha para fugir da dominação dos povos indígenas mexicanos, mas que não se concretiza devido ao naufrágio que os acomete. É nesse sentido que a presença desse vocábulo torna a formulação, aos olhos do sujeito-professor, ininteligível, ao mesmo tempo que “barra” a inscrição do dizer na discursividade dessa língua outra. Entendemos que na fonte desse efeito de esbarramento encontra-se a semelhança entre as formas e, de certo modo, também na dicionarização a partir da qual encontramos vínculo de similaridade que, contudo, não corresponde ao modo como, na atualização dos sentidos, as línguas funcionam. O sujeito-aluno marca o distanciamento entre as línguas ao usar a forma separada (quando seria possível grafar **entretanto** em espanhol também), mas não consegue passar da forma para o modo de produzir sentidos na língua outra. Ele reconhece que há uma diferença e a situa na dessemelhança no modo de grafar nas duas línguas. Por essa perspectiva, podemos destacar a possibilidade do jogo entre as duas línguas graficamente e o distanciamento entre a forma e seus modos de produzir sentido, ou seja, devemos considerar que, enquanto advérbio, a forma “entretanto” da língua portuguesa também pode ter esse efeito de “enquanto isso”, “nesse meio tempo” que, no entanto, é um sentido muito pouco atualizado no modo de dizer de um brasileiro, que consagrou como o sentido dessa forma o seu funcionamento como uma conjunção adversativa.

Vale sublinhar que essa palavra aparece no texto duas vezes e com o mesmo efeito de sentido, mas apenas nessa passagem o sujeito-professor aponta para um não-sentido. Essa insistente presença pode ser compreendida como “fatos de linguagem” (Celada, 2008), que se caracterizam como marca do repetido, da ocorrência, do acontecimento que reclama sentidos nas formas do dizer e nas memórias de sentidos que a língua estrangeira produz num sujeito que é já efeito de sentido na língua materna, materializados durante o processo de subjetivação do sujeito-aprendiz em uma língua que é outra.

Esses “fatos de linguagem” que, não raras vezes, insistem em se repetir mantêm uma relação estreita com uma memória que deixa lastros, marcas, vestígios nas formas de dizer e que, para compreendê-los, é necessário que se considere o acontecimento da história sobre as línguas portuguesa e espanhola que, a partir de um trabalho de divisão, disjunção, separação, apontam para a *(des)continuidade* produzida nas memórias do dizer dessas línguas (Celada, 2010). Isso significa que esse trabalho de



separação, produzido principalmente pelos processos de colonização por que passaram essas línguas, ressoará sobre o modo como, nelas, a memória dessa história se apresenta nas formas de dizer e na horizontalidade de suas enunciações e deixará em cada um desses simbólicos “determinadas regularidades que, pelo trabalho de separação pela qual passaram, produzem ressonâncias: recordando, rememorando, indicando, insinuando ou, simplesmente, aludindo a formas de dizer do funcionamento da outra” (Celada, 2010, p. 117-118). Assim, a *(des)continuidade*, provocada pela história de separação, como vimos, contribui para que cada uma dessas línguas, numa relação de entremeio³, leve inscrita em seu funcionamento a memória da outra, materializada no registro que justamente as consagra ao equívoco.

Buscando evitar uma análise reducionista sobre a presença dessa locução (*entre tanto*) e tratá-la como uma mera interferência da língua materna, analisando-a sob a perspectiva de “erro”, acreditamos que ela funciona como um exemplo que ilustra o que Milner (1978, p. 13) denomina de a “dimensão do não-idêntico” que toda locução suporta ou do equívoco constitutivo da língua e tudo que ele promove, pois, segundo sua posição, “uma locução, trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra” e representa “o lugar não-idêntico onde todo ser falante, enquanto tal, se coloca” ou como aqui tem sido tratado, um lugar de entremeio, um lugar de entre-línguas de onde o sujeito-aluno enuncia e tenta inscrever seu dizer na ordem de uma língua estrangeira que se encontra imbrincada com o estranho maternal e representa esse lugar conflituoso onde discurso do sujeito e a possibilidade de (se) dizer se situam.

Para significar, a materialidade simbólica (o discurso) está marcada pela articulação da língua com a história, regida pelo mecanismo ideológico, que se torna visível por meio dos gestos interpretativos do sujeito atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia e que, na função-leitor, constitui-se com a linguagem em função da textualidade, enquanto matéria discursiva, que se produz a partir da articulação dos gestos de interpretação e da formulação. Essa materialidade – aberta a possibilidades de leituras diversas – também se abre para as falhas, para os equívocos como fato estruturante de uma língua heterogênea, não-Uma, inscrita na história para poder significar, constituída pelo real que lhe é próprio e pelo real da história. Observemos, neste sentido, como se dá esse funcionamento nas SD3 e 4.

SD3

O sea, los españoles pasaron por un proceso de transculturación, por lo cual aglutinaron a su cultura de origen la cultura indígena adquirida. Lo que no es, sin embargo, una subordinación cultural. Ese sincretismo se manifiesta, por ejemplo, en las prácticas chamanes y el canibalismo. En caso del chamanismo, que es una mistura de práticas religiosas con el maravilloso, puede percibirse también un rechazo a alteridad, porque mismo obligados a esa práctica, los viajeros preservaron el temor a fe cristiana, lo que justifica también la “no subordinación” cultural:

se debe a indígenas ←

práticas

explicar

³ Tomando por base a reflexão feita por Orlandi (1996), o termo entremeio é usado, neste contexto, segundo o deslocamento feito por Celada (2010, p. 118) para designar o fato de que “o espanhol e o português brasileiro, com respeito a um sujeito do discurso – errante – se tocam, se separam, se distinguem, atravessando-se, entrelaçando-se em uma fronteira que interpretamos como *(des)continuidade*”.



Há nessa SD uma identificação plena do aluno, na posição sujeito-autor, com os domínios dos saberes estabilizados provenientes do interdiscurso e materializados nas afirmações feitas pelos autores dos textos que compõem a bibliografia crítica, base para a análise do tema proposto, ou seja, com as posições assumidas por Pranzetti (1993) e Pratt (2011) para quem o contato dos espanhóis com os indígenas representa, ao mesmo tempo, o encontro da cultura organizada (Espanha) com a cultura desorganizada (o Novo Mundo) e a constituição dos indivíduos que se dá pela relação mútua entre esses povos. Nesse trabalho de identificação, podemos observar já a irrupção de um equívoco de ordem ideológica: tanto se considerarmos que nesse contato não há uma relação mútua, mas a supressão de uma raça e sua cultura, impondo-se, portanto, as bases do que os autores denominam “cultura organizada” sobre os povos indígenas, quanto pela afirmação de que não houve subordinação cultural dos espanhóis apesar do processo de transculturação. Ora, em todo processo de dominação, não há subordinação do dominador – que impõe seus costumes e silenciam os do outro –, mas sim do dominado. É neste sentido que aqui designamos como um equívoco de ordem ideológica por compreendermos que, em função do sentido produzido, a formulação aponta para uma posição ideológico-discursiva do sujeito sobre o processo de colonização da América hispânica. O que se observa, portanto, é uma aderência da prática discursiva do sujeito-aluno a um saber proveniente do interdiscurso sob o efeito de concordância em relação a outros discursos, outros dizeres.

Ainda sob o funcionamento da ideologia que ressoa sobre o dizer do sujeito-autor, observamos mais um equívoco que irrompe no fio de seu discurso. Há uma falha, do nosso ponto de vista, na apropriação dos sentidos ao afirmar que “a prática do canibalismo pertencia ao imaginário selvagem e não do europeu”, como podemos constatar na SD4:

SD4

“Aquella misma noche que llegamos vivieron unos indios a Castillo y dixeronle que estauan muy malos de la cabeça, ruegoandole que los curasse, y despues que los huuo santiguado y encomendado a Dios, en aquel punto los indios dixeron que todo mal se les auia quitado (...).” (Núñez, 1906, p.78).

Lo mismo se pasa con el canibalismo, porque esa práctica pertenecía al imaginario salvaje y no del europeo. Ese episodio del canibalismo puede ilustrar también el permanente rechazo al otro. Álvaro, una vez más, demarca bien con los pronombres que estuvo lejos de esa desgracia y, así como los indios, reprobó el hecho (vale destacar que el endocanibalismo podría configurar una más de las construcciones de la identidad, por representar una inversión de realidades).

pertencencia al imaginario europeo sobre o selvagem

Retomando, mais uma vez, a formulação milneriana de que uma locução, trabalhada pelo equívoco, é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra, a afirmação feita na SD e o comentário feito pelo professor revelam diferentes posições sujeito no texto. O equívoco representa uma falta estruturante de qualquer dizer, uma vez que a sua irrupção se dá no ponto em que a língua atinge a história, ou seja, no ponto em que o impossível linguístico afeta a contradição histórica. A sua instauração, nessa formulação produzida pelo sujeito-aluno, possibilita a produção de um sentido outro e de uma outra subjetividade, divergente da

sujeito-revisor que retifica a formulação afirmando que a prática do canibalismo “pertencia ao imaginário europeu sobre o selvagem”, apontando, dessa maneira, para posições ideológicas diferentes nessa negociação de sentidos. É pela sua presença que o sujeito vê frustrado o desejo de unidade e transparência dos sentidos.

Nesse imaginário ou desejo de que a língua não é/seja equívoca, o real equívoco existe desestratificando incessantemente a língua, espantando “o fantasma nascido da conjunção indevida de vários estratos: ele explode em univocidades combinadas (MILNER, 1987, p. 13). É neste sentido que a incompletude estruturante de toda língua projetada pelos equívocos (de interpretação, de construções, de formulações), que representam o tecido de toda discursividade, assenta-se sobre o fato de que existe *alíngua* enquanto registro que consagra a língua ao equívoco, o qual, para Mariani (2006, p. 8), “se instaura e faz falhar a vontade de unidade e de transparência da comunicação porque incorporam o real em suas análises do simbólico e do imaginário.”

Como estamos considerando a natureza intervalar do sujeito de linguagem duplamente marcado – pelo inconsciente e pela ideologia – a ressonância dos traços inconscientes do significante se manifestará sempre na forma de equívocos nesse *ser-em-falta*, fazendo irromper o *non-sense*. E como estamos considerando, também, que, para dizer, o sujeito tem de se inscrever no interdiscurso, filiando-se a um saber discursivo, a uma memória, assujeitando-se à língua, que comporta a falha, a materialidade posta em análise põe em evidência o ponto em que essa falha toca a contradição histórica e faz produzir a irrupção do equívoco como espaço de uma formulação contraditória, a partir qual, tonam-se visíveis posições-sujeito divergentes.

Diante do que propusemos até aqui, parece-nos pertinente enfatizar, ao estabelecer essa categoria de análise, que nela poderia instaurar-se um paradoxo para o sujeito-leitor. Este poderia interrogar perguntando-se/nos: Não seria contraditório pensar que a materialidade linguística ao mesmo tempo que clama, afasta? Ao mesmo tempo que aproxima, distancia? Do nosso ponto de vista, trata-se de um aparente paradoxo, pois insistimos que, ao mesmo tempo que os sujeitos são barrados por essa materialidade, são por ela desafiados, convocados para poder interpretar, para poder (se) dizer. Entendemos esse “esbarramento”, “ser barrado” não como uma mera dificuldade, um mero enfrentamento, mas, muito pelo contrário, eles representam um lugar para a superação pela/na/com a língua de onde o sujeito, valendo-se do jogo de significantes, consegue se colocar nesse espaço de dizer, de se dizer.

Por fim, retomando uma nomeação que usamos anteriormente desse sujeito como *errante*, nos valem novamente desse significante porque é precisamente a sua ambivalência que reflete bem esse sujeito de entre-líguas: ele esbarra nessa materialidade, mas também dela se vale para enunciar. Redizendo: ele, ao mesmo tempo que “vai de encontro a”, também “vai ao encontro de”, num constante movimento de *errância* na/com a/pela língua, resultante dos confrontos e conflitos travados entre a sua língua e a língua outra, o que nos leva, portanto, a pensar que estamos diante de um “efeito de esbarramento”. Um efeito porque, mesmo com a instauração do esbarramento, que se manifesta como uma aparente interdição, o sujeito produz a sua inscrição numa nova materialidade simbólica, se constitui e (se) diz.



REFERÊNCIAS

CELADA, M. T. O que quer, o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. In: SCHERER, A. E.; PETRI, V. Língua, sujeito e história. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 37, p. 145–168, jul./dez. 2008.

DE NARDI, F. S. Subjetivação na língua do outro: práticas de escrita em blogs para o ensino-aprendizagem de língua espanhola. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (org.). *Discurso em rede: prática de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 227-248.

DE NARDI, F. S. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 5, n. 2, p. 182-193, jul./dez. 2009.

GALLO, S. L. *Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva*. Blumenau: Nova Letra, 2008.

MILNER, J. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PAYER, M. O.; CELADA, M. T. Relação sujeito língua(s) – materna, nacional, estrangeira. In: SILVEIRA, Eliane Mara (org.). *As bordas da linguagem*. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 1, p. 67-94.